

Prefácio - Heranças político-filosóficas de um pesquisador da 3ª geração do Ensino de Filosofia: contribuições de uma trajetória formativa ao debate

Patrícia Del Nero Velasco

Como citar: VELASCO, Patricia Del Nero. Prefácio - Heranças político-filosóficas de um pesquisador da 3ª geração do Ensino de Filosofia: contribuições de uma trajetória formativa ao debate sobre o campo. *In:* RODRIGUES, Augusto (org.). **Heranças político-filosóficas de ensinar e aprender filosofia:** do campo do ensino de filosofia à trajetória formativa na Unesp. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p.9-15. DOI: <https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-540-7.p9-15>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Prefácio

Heranças político-filosóficas de um pesquisador da 3ª geração do Ensino de Filosofia: contribuições de uma trajetória formativa ao debate sobre o campo

O livro que o leitor e a leitora têm em mãos versa sobre a temática do Ensino de Filosofia, assunto que, desde a última década do século XX, tornou-se objeto de investigação de pesquisadores e pesquisadoras de Filosofia e Educação no Brasil. O diferencial da obra de Augusto Rodrigues consiste em seu objetivo principal, a saber, problematizar como a emergência de uma nova política filosófico-educacional de pesquisar e de ensinar Filosofia no Brasil, junto com a formação filosófica do autor na Universidade Estadual Paulista – UNESP, transformam-se em uma herança de formação, atravessando, assim, a própria constituição de Rodrigues como pesquisador e professor de Filosofia. Para tanto, tensionando o passado pelo presente, o livro entrecruza as experiências e vivências do autor em sua trajetória formativa com alguns debates atuais da área do Ensino de Filosofia, tais como a discussão sobre o estatuto epistemológico do Ensino de Filosofia como campo de conhecimento, a institucionalização da Filosofia universitária no Brasil e a formação de professores e professoras de Filosofia. Ao fazê-lo, contudo, acaba por inverter o subtítulo do livro: ao discutir suas *Heranças político-filosóficas de ensinar e aprender filosofia: do campo do ensino de filosofia à trajetória formativa na UNESP*, Rodrigues fomenta – com rigor e sabor – o próprio debate sobre o campo que lhe serve de ponto de partida.

Logo nas primeiras páginas, Augusto Rodrigues enuncia a problemática do livro, expressa sinteticamente na seguinte pergunta: “como o autor se <https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-540-7.p9-15>

tornou o pesquisador e o professor de Filosofia que é?”. Embora saliente que a questão em tela o acompanha em sua trajetória acadêmica – sendo abordada, por exemplo, na obra *Como nos tornamos os professores que somos. Uma problematização da herança estruturalista nas práticas de ensinar e aprender filosofia* (2020), publicada pela mesma Cultura Acadêmica –, no presente livro, a problemática é refletida a partir de um potente diálogo com as discussões a respeito do estatuto epistemológico do campo do Ensino de Filosofia: um debate recente e caro à comunidade filosófica nacional, imprescindível ao pleito de cidadania institucional, em voga junto à comunidade filosófica mais ampla, à subárea de pesquisa do Ensino de Filosofia.

No capítulo que abre o livro, Rodrigues propõe novos contornos às questões em discussão, interpretando o estado da arte do debate sobre o campo e, em uma tão preciosa quanto rara autoavaliação, sinaliza de que modo a supracitada discussão se tornou determinante à obra. Reflete que, em suas investigações, as questões adquirem, sobretudo, um caráter mais ético do que propriamente epistemológico, posto que, ao invés de pesquisar epistemologicamente as discursividades próprias ao campo do Ensino de Filosofia, o objetivo problemático almejado consiste em decifrar como os discursos que se identificam em torno de uma Filosofia do Ensino de Filosofia se transformam em heranças de sua formação como pesquisador e professor de Filosofia. Reconstruindo a emergência discursiva da Filosofia do Ensino de Filosofia, em especial os dois pilares que considera a base de suas heranças – o Ensino de Filosofia como objeto de pesquisa filosófica e o resgate das virtualidades educativas inerente à prática filosófica –, o autor encerra o primeiro capítulo questionando como esses discursos se capilarizam em sua trajetória formativa no curso de Filosofia da UNESP.

Certamente, o primeiro capítulo se constituirá leitura obrigatória para as pesquisadoras e pesquisadores de cursos de graduação e programas de pós-graduação que hoje discutem a constituição, no Brasil, do campo de conhecimento Ensino de Filosofia. Isso porque a interpretação que o autor oferece dos acontecimentos que marcam a emergência do campo, o acervo referencial em que sua leitura está embasada e os novos horizontes de pesquisa que sua análise descortina na discussão epistemológica do campo ajudarão a enriquecer o debate e a ampliar seus horizontes problemáticos. Para além

das contribuições filosóficas ao debate em questão, o capítulo que abre a obra possui grande valia enquanto registro histórico, documentando os marcos e atores/as inaugurais do campo do Ensino de Filosofia.

No segundo capítulo, por sua vez, Rodrigues retoma sua experiência no Grupo de Estudo e Pesquisa sobre o Ensino de Filosofia – ENFILO, da UNESP, a fim de problematizar a recepção, dentro do grupo, das práticas inerentes à discursividade Filosofia do Ensino de Filosofia. Inicialmente, mostra como a própria emergência do ENFILO e de suas pesquisas – entre as frestas da Filosofia da Educação – ajudam a compreender a configuração e influência dos discursos orientados por uma Filosofia do Ensino de Filosofia. Em seguida, por meio da reconstituição dos princípios, conceitos e práticas do grupo, reestabelece as disputas político-filosóficas em torno de uma prática *menor* de pesquisar filosoficamente o ensino de filosofia e das práticas de ensinar e aprender Filosofia como *experiência de pensamento*. O autor define essas práticas através de um esforço problematizador que, ao mesmo tempo que resgata a historicidade discursiva desses conceitos nas discussões do Ensino de Filosofia, restitui a problematização coletiva feita pelo ENFILO às práticas de pesquisar e ensinar filosofia como transmissão de conhecimentos. Como resultado surge, de um lado, a defesa de uma pesquisa filosófica que seja imanente à vida e aos conflitos experimentados pelo próprio pesquisador, em contraposição a uma moralização da pesquisa pelos lugares-comuns pedagógicos que fazem parte das relações de ensinar e aprender Filosofia. De outro lado, vislumbra-se uma *virada ética* no ensino e na aprendizagem de Filosofia em que estudantes, professoras e professores deixam de ser espectadores e se tornam atores no filosofar, mantendo uma relação visceral e criativa com a tradição filosófica.

As discussões sobre o tema do Ensino de Filosofia como campo de conhecimento têm sido realizadas sob suas inúmeras dimensões: histórica, epistemológica, política etc. Ao abordar a problemática do campo direcionando sua tese para a (até aqui pouco explorada) dimensão ética, Rodrigues convida o leitor e a leitora a refletir: se pensarmos que, invariavelmente, todas as dimensões do campo do Ensino de Filosofia também dizem respeito às relações que mantemos – nós, pesquisadores e pesquisadoras – com o próprio campo, não seriam fundamentalmente éticas, em alguma medida, todas estas

dimensões? O livro de Augusto Rodrigues compreende o exemplo de que, a despeito das insuficientes formações filosóficas pelas quais passamos, se tivermos a oportunidade de conviver com pessoas que, como os integrantes do ENFILO, têm – nas palavras do autor – “o compromisso ético-formativo que não separa filosofar, aprender e ensinar a filosofar”, as relações éticas invariavelmente passarão as investigações dos professores e professoras filósofos, tal qual ocorreu com o professor-filósofo Augusto Rodrigues na pesquisa que culminou no presente livro.

Para aqueles e aquelas que desejam entender a capilarização dos discursos congregados em torno da intitulada Filosofia do Ensino Filosofia, tal como vislumbrava uma 1ª geração de pesquisadores e pesquisadoras do Ensino de Filosofia – que têm nomes como Elisete Tomazetti (UFSM), Geraldo Horn (UFPR), Leoni Henning (UEL), Renata Aspis (UFMG), Silvio Gallo (UNICAMP) e Walter Kohan (UERJ), o segundo capítulo tem muito a oferecer. Se, de alguma maneira, há ao menos duas décadas um grupo expressivo de pesquisadoras e pesquisadores reconhecem que o Ensino de Filosofia é um problema de pesquisa filosófica e que o filosofar é condição necessária ao ensinar e ao aprender Filosofia, o autor mostra, de modo singular, como esses discursos se territorializam e adquirem uma forma própria dentro da UNESP e, particularmente, do ENFILO. Com isso, consegue registrar a história de um grupo de pesquisa que, há mais de dez anos, vem contribuindo com a formação de novos quadros de pesquisadores e pesquisadoras do Ensino de Filosofia; e, outrossim, atualiza conceitos fundamentais à construção da literatura do Ensino de Filosofia no Brasil, como é o caso, por exemplo, do ensino de Filosofia como *experiência de pensamento* e a ideia do/a *professor/a-filósofo/a* – debatendo-os em outras relações e sob outro prisma investigativo, que estão em consonância com a visceralidade do problema abordado pelo autor.

Enquanto nos dois primeiros capítulos Rodrigues se detém nas heranças de formação específicas ao campo do Ensino de Filosofia no Brasil, no último, problematiza sua experiência de formação no Curso de Licenciatura em Filosofia da UNESP. De início, seu foco é investigar a proveniência das disciplinas histórico-filosóficas de sua graduação, analisando documentos institucionais e dialogando com outros estudos críticos sobre as condições

educativas do curso em apreço. Essa análise prévia o leva a recuperar, em seguida, alguns acontecimentos em torno da emergência e consolidação da Filosofia universitária no Brasil, a fim de melhor entender as práticas hegemônicas vigentes na UNESP. Após a sua problematização, ficam evidentes as disputas político-filosóficas entre os discursos de uma Filosofia do Ensino de Filosofia e aqueles que legitimam uma cultura de formação filosófica tradicional no Brasil, assim como o modo pelo qual esse conflito adquire sua tessitura dentro do funcionamento acadêmico na UNESP. E é nesse cenário de disputa que o autor, em interlocução com um projeto de formação de filósofos e filósofas, de certa maneira esquecido e ofuscado pelas relações educativas hegemônicas naquela instituição, esboça os protótipos de uma política de formação de professores e professoras filósofos. Para Rodrigues, a Filosofia universitária brasileira separou o filosofar tanto da pesquisa, quanto da docência, ocasionando uma relação filosófica estritamente técnica e profissional. E, por essa razão, uma política de formação de professores-filósofos e professoras-filósofas compreende um caminho possível para que, ainda dentro da instituição, as práticas filosóficas permaneçam imanentes à vida daqueles e daquelas que a praticam.

A força do terceiro capítulo está, pois, na forma como Rodrigues desloca um problema que pertencia mais fortemente à comunidade filosófica mais ampla e à preocupação desta com o aparecimento de filósofos e filósofas originais no país, e o transforma em um problema educacional-filosófico, típico às discussões específicas do Ensino de Filosofia. Muitas pesquisas do escopo da Filosofia Brasileira já denunciaram os imperativos técnicos nas práticas filosóficas de pesquisa e de ensino, cujas referências o autor faz questão de trazer à sua análise. Porém, ao invés de criticar a institucionalização da Filosofia, como muitos fazem, o autor esboça uma alternativa que não abre mão da instituição educativa, tampouco do espaço da sala de aula. Dessa forma, surgem em seu horizonte intelectual, uma *Filosofia de Professores e Professoras* e um *projeto de formação* de filósofos e filósofas professores que, sem separar o filosofar do educar, habita a instituição – resistindo aos imperativos técnicos em nome de uma relação filosófica mais visceral e, por conseguinte, mais vital.

Pelas razões expostas, sublinha-se a relevância do livro de Augusto Rodrigues enquanto registro histórico da constituição discursiva do Ensino

de Filosofia como problema filosófico e, como tal, crucial para as problematizações do campo e seus desdobramentos filosófico-educacionais. Vislumbra-se que o texto ora prefaciado impactará na formação de novos quadros de pesquisadores e pesquisadoras da área, assim como poderá ser usado como literatura dos cursos de formação docente em Filosofia e, igualmente, como fomento para a reflexão e autoavaliação de professores e professoras em seu ofício docente.

Toda a argumentação do autor é expressa em linguagem concomitantemente rigorosa e convidativa, fundamentada em um sólido e atualizado referencial teórico, utilizado com originalidade, uma vez que intercala as principais referências aos assuntos abordados com as singularidades de sua própria trajetória de pesquisa e de formação, alinhando-as com maturidade intelectual e oferecendo um estilo de pensamento próprio ao livro. A política filosófica de ensinar e aprender que emerge e constitui o campo de conhecimento abordado por Rodrigues acaba por contaminar e costurar as práticas filosóficas do grupo de pesquisa ENFILO, narradas pelo autor, bem como por perpassar sua própria prática docente. Em outras palavras, o próprio exercício de uma Filosofia do Ensino de Filosofia debatido no texto faz a cosedura das ideias que o leitor e a leitora encontram na obra. Nesse sentido, entende-se que um dos principais méritos desta última é se propor a pensar uma problemática *própria*, marcada pelas nuances e configurações da vida do autor, mas cujos desdobramentos acabam por ressoar velhos e novos debates tão presentes e tão caros à trajetória de pesquisadores e pesquisadoras do Ensino de Filosofia.

Cabe ainda ressaltar que Augusto Rodrigues é um representante nato da chamada 3ª geração do campo: aquela cujas pesquisas versaram, desde a formação na Licenciatura, sobre a problemática do ensino e da aprendizagem em Filosofia. Não à toa, a leitura da obra de Rodrigues, fruto de sua (desejável e precoce) formação na literatura específica do Ensino de Filosofia, permite a mim, pesquisadora da 2ª geração que tive o privilégio de acompanhar grande parte desse percurso e desfrutar de algumas ideias antes mesmo de adquirirem forma escrita (obrigada, meu amigo, pelo aprendizado diário que sua companhia propicia), pedir licença para sugerir um trocadilho com o título do livro, como também a inversão do subtítulo anunciada no início do presente

prefácio: a partir das reflexões sobre sua singular trajetória formativa, Augusto Rodrigues oferece a nós – professoras pesquisadoras e professores pesquisadores – uma preciosa contribuição à subárea de pesquisa do Ensino de Filosofia. E somos conduzidas e conduzidos, instigadas e instigados, página a página, a prosseguir dialogando com o autor sobre o campo e, ao fazê-lo, colaborando para sua plena consolidação.

Se no prefácio do primeiro livro de Rodrigues, Rodrigo Gelamo propunha desfazer o aranzá, puxando os fios da história e desatando seus nós para enxergar o presente, finalizo o prefácio dessa segunda obra de fôlego de Augusto na direção oposta: ainda que outros nós tenham sido desatados e a narrativa histórica, reconstituída, ressignificando o presente, vislumbra-se agora o futuro: a despeito do momento delicado (mas queremos crer, reversível) que vivenciamos do filosofar nas escolas de todo o país, o processo de consolidação do campo de conhecimento do Ensino de Filosofia parece caminhar firmemente; e livros como os de Augusto Rodrigues são prova de que o futuro da área, construído por essa 3ª geração de pesquisadores e pesquisadoras, é promissor. “Evoé, jovens à vista”¹!

Patrícia Del Nero Velasco

Junho, 2024

¹ CHICO BUARQUE DE HOLANDA. *Paratodos*. BMG Ariola Discos Ltda, 1993.